



SOLDADO DE INFANTERIA DE 1700.

MILICIA PORTUGUEZA NO SEculo 18.^o

(Esboço.)

O ACTUAL espirito de derramamento tem generalisado uma somma grande das glorias patrias. Se não são vulgarmente conhecidos todos os heroicos feitos de nossos honrados avós, ha ao menos abundante noticia dos mais notaveis. São populares os nomes de D. João de Castro, de Affonso de Albuquerque e Vasco da Gama, D. Fuas Roupinho e Martim de Freitas; personagens ligadas tanto á historia como ás tradições, andam pelas bocas de todos. D. Nuno Alvares Pereira e Luiz de Camões são memorias vivas, e cada vez mais vivas. No romance e no theatro, entidades que hoje começam a resuscitar; na historia e nas relações, que tambem entre nós parecem querer encetar a epocha da sua reforma, surgem brilhantes, apuradas e gentilmente vestidas as nobres acções dos nossos maiores. A arte em progresso por toda a parte, a arte, cousa palpitante, cousa sagrada, que não soffre impedimentos, a arte que pela intelligencia faz seu caminho, e que bem como ella hade caminhar porque Deus a impelle, a arte, diremos, tem-se fornecido dos precisos materiaes na historia. Formoso arraiar de esperanças aurora esclarece

MARÇO 19 — 1842.

já o archivo das galhardias portuguezas, ha pouco ainda tão escuro, tão ignorado e tão posto de parte. Foi o facho da poesia o primeiro que principiou a illuminar o abandonado sanctuario. Pouco a pouco desaglomeraram-se e desfizeram-se as trévas que o povoavam. Foram ainda brados poeticos os que acordaram os echos do vasto recinto. Mas d'esse augusto e venerando templo, antigo pantheon, aonde jazem depositados tantos nomes e cousas famosas, nem todos os recantos tiveram luz, nem todos os echos tiveram voz. A nossa civilisação, a nossa litteratura, neste moderno resurgimento, ergueu-se — bem o vemos — com fraqueza de infancia. Não podêmos ainda chegar a tudo. Muito temos feito já. — É certo. Nem ajuizadamente se poderia exigir mais — crêmos — a quem assim principia. Lamentâmos com tudo que a geral attenção se tenha fixado quasi exclusivamente n'um certo numero de paginas brilhantes, na verdade, mas que breve serão esgotadas; que as novissimas lucubrações versem, pela maior parte, sobre duas ou tres epochas principalmente conhecidas. — Será isto porque homens transcendentos as indicaram primeiro como fontes abundantes? Será que ellas tenham apparencia mais seductora,

2.^a SERIE — VOL. I.

ou que a vigorosa imaginação d'esses homens as vestisse de atractivos poderosos, accordando assim as emulações e fornecendo faceis meios de construcção. Para nós temos que estas, e ainda mais rasões, hão contribuido para o esquecimento e solidão em que estão postas algumas, e o maior numero — julgâmos — das nossas eras gloriosas. Conhecemos certos pontos luminosos das cousas portuguezas, e por ora com isso nos contentâmos. Todavia nos não fallece ainda a fé. Cremos piamente que ao passo que esses tão procurados mananciaes se forem vulgarisando, e por conseguinte esgotando, a luz chegará aos que por ora lá jazem mergulhados em sombras, e que, tambem como aquelles, alcançarão estes os seus dias de triumpho e rumor, principalmente quando a varinha de condão d'algum d'esses engenhos feiticeiros os tocar e evocar. Em quanto esse tempo não vem, soltaremos nós algumas phrases humildes — que pela humildade nos perdoarão — a favor d'uma dessas desconhecidas epochas, tambem recheadas de poesia propria, tambem ferteis em feitos honrados.

Temos geralmente muita noticia das gentilezas feitas pelos nossos avós vestidos de saio e capello, grevas e coxotes, e muito poucas das acabadas pelos que trajaram cabelleira e casaca, chapéu triangular e calções. Vem isto, em nosso fraco entender, do maravilhoso que augmenta para a imaginação, á maneira que as vagas crescentes dos annos e dos seculos mais separam e arredam do nosso modo de ser as existencias que passaram. Todavia observando com olhos imparciaes os legados de todas as idades volvidas não julgâmos menos valente o peito portuguez, que se expunha cuberto de ferro, do que o braço que se meneava ornado de longos canhões. Desviai as vistas d'essas pinturas, todos os dias appresentadas, de combates na estacada, ginetes acubertados, rijos broqueis e longos montantes. Contemplai esse granadeiro do seculo passado tão differente, mas tão picturesque no trajar. Vede-o, ambulante arsenal, supportar sua comprida espingarda, bayoneta e sabre, patrona e polvorinho e granadas, e não sei quantas cousas mais que os melhoramentos e perfeições levadas á arte militar teem hoje reduzido e simplificado. Vede-o á voz de (*) «*soprem a corda*» apparelhar-se a arremear a morte que tem encerrada na mão. Vede ess'outro fusileiro, mais ligeiro e levemente armado, calando a bayoneta de modo tão diverso do que hoje praticam. Riria qualquer dos nossos actuaes soldados vendo o estranho vestuario d'essa milicia de nossos pais. Escarneceria e zombaria de ver ta-

(*) A propria, dada e usada pelas commandantes.

manho apparatus de armamento, bem longe na verdade de nossa elegancia moderna, mas esses homens que vos parecem tão fóra ainda da perfeição militar eram firmes e ousados na batalha, regulares e bem ordenados no descanso. Foram esses homens que, na guerra chamada da successão emprehendida por elrei D. Pedro 2.^o — em 1705 — como alliado do archiduque Carlos 3.^o, que pertendia a corôa de Hespanha em prejuizo das disposições testamentarias do fallecido rei Carlos 2.^o, aonde aquella corôa era deixada ao sobrinho do defunto Philippe de França, duque de Anjou, depois Philippe 5.^o — penetraram até Madrid, coroando ahi o archiduque; foram esses homens que fizeram espantar a Europa vencendo e envergonhando as forças reunidas d'Hespanha e França, commandadas por um general de grande nomeada militar, o duque de Berwich; foram ainda esses homens, de quem hoje se não falla, que tanto estrondo fizeram com suas armas e valor que o echo d'ellas chegou ao coração d'Africa, impellido o proprio imperador de Marrocos, Muley Ismael, a mandar cumprimentar elrei de Portugal por tamanhas victorias. Á frente d'elles ganhou o marquez das Minas, seu general, nome não menos glorioso do que o dos mais famosos da antiguidade, porem por seu mau fado menos conhecido. E não penseis que ao acaso se deviam essas victorias. A guerra, já n'esse tempo era uma arte e uma sciencia; a tactica militar caminhava melhorando-se. Descoberto o uso da polvora a milicia pesada, rude, lenta e macissa da idade media, foi passo a passo largando o terreno ás combinações da estratégia. Tratou-se não só de matar, mas de matar com methodo e com o maior resultado possivel. Com successivos melhoramentos chegou ella ao seculo 18.^o aonde a vemos principalmente reformada, approximando-se cada vez mais da feição moderna. Os terços antigos convertem-se em regimentos e esquadrões, os mestres de campo tomam os titulos de coroneis. Um regulamento rigorosamente observado consigna com justiça e exactidão, ao official como ao soldado, os deveres que lhes incumbem. A milicia, emfim, que ainda no seculo 17.^o, [diz um escriptor militar d'esse seculo, Vasconcellos, quasi unico documento que da tactica de então conservamos] fazia consistir a sua força principal na espada e na lança, sacode a usança antiga, e toma como seus meios mais efficazes os projectis. A guerra adopta por tanto novo caracter; é mais calculada, é mais scientifica; ha uma força poderosa que obra como indispensavel auxiliar da força corporal e numerica. A milicia do seculo 18.^o, e por conseguinte uma

das mais distinctas feições da civilização moderna, marca uma epocha diversa e costumes novos, assignala um periodo de existencia differente dos até ahi percorridos. A milicia de hoje, bem como a litteratura, bem como quasi todas as cousas, são a sequencia da milicia, da litteratura e das cousas de então.

Ahi tendes por tanto uma era nova e pouco tratada, picturesca no trajar, gloriosa em feitos militares, transição dramatica de um para outro modo de existir, com caracteres e feições particulares, com paginas formosas e distinctas de todas as outras, e em fim com todo o variado e ameno d'um seculo fertil em acontecimentos notaveis, e por assim dizer entalado entre a velha e a nova civilização.

Objecto era este de mais extenso commentario, maior força de entendimento, e mais minuciosas observações, mas certo do pouco que posso apenas ahi lanço um brado de despertamento. Lance mão da obra quem melhor a poder fazer.

Silva Leal — Junior.



SOLDADO GRANADEIRO DE 1700.

AGRICULTURA.

CULTURA DOS LINHOS EM PORTUGAL.

Comarca de Penafiel (*).

HA tres qualidades de linho, coimbrão, gallego, e mourisco. Este é menos comprido, e está todo o inverno na terra, é porem o que menos se cultiva.

O coimbrão é mais comprido, e por isso rende mais, e se cultiva. O gallego é mais curto e de menos rendimento. A semente do coimbrão, se se não renova com outra de fóra, degenera no gallego. Deve haver agua para regar, e a terra não deve ser assombrada com arvores, porque faz apodrecer o linho. Em abril quando se quer semear, esterca-se bem a terra, e prepara-se como para milho ou painço; semea-se que não fique ralo, nem basto, e depois de se tornar a gradar, aplanar, &c. se lhe tira toda a *felga* com ancinhos de páu; rega-se quantas mais vezes melhor, monda-se antes de florecer, e quando está amarello, e tem a *baganha* bem creada, arranca-se.

Comarca de Guimarães.

Cultivam-se muitos linhos, e são bons. Mettem-se em agua a curtir quinze dias, depois secam-se ao sol, *espadam-se* por duas vezes, e se assedam. O linho, que se cultiva, não basta para o consumo da terra.

Comarca de Bragança.

Cultivam-se duas qualidades de linhos, gallego, e mourisco. O mourisco semea-se no mesmo tempo, [que é outubro] e da mesma forma que o centeio, nas terras que por humidas não produzem centeio. O gallego semea-se na melhor terra, que se lavra no principio da primavera, e é esterçada pelo gado. Continua-se a lavar e gradar até que esteja bem desfeita: semea-se muito junto. Estando a terra gradada, fazem-se com o arado regos para correr a agua quando se rega. Antes que nasça a semente, com os instrumentos a que chamam *engaço*, que são como um pente com seus dentes de páu, se limpam os linhares de todas as pedras, que se deitam nos regos. Rega-se quando necessita; e se monda antes que tome o pezo da baga.

Arranca-se o linho, e se estende por um dia no mesmo linhal, fazem-se depois pequenas medas, que se deixam ficar por quinze ou mais dias para se abrir toda a *baganha*, que estando aberta se sacode em lençoes para largar a semente. Formam-se então pequenos mo-

(*) Posto que as divisões dos districtos hoje alterassem a das antigas comarcas, como as localidades estão bem indicadas pelas terras principaes, não mudámos a designação—comarca— que se acha em o n.º 8.º da interessante Collecção de Instrucções publicada ha 10 annos pela Academia; e do qual tomamos o presente extracto.

lhos, que se levam a curtir a uma ribeira corrente, donde se tira ao quarto ou quinto dia. Estando o linho secco se leva para casa para ser *maçado*, *espadado*, e *tascado* por mulheres com um instrumento de páu a que chamam *espadela*, de dois e meio palmos de comprimento, larga e aguçada na ponta; servindo-se também de uma tabua espetada em um cepo em que descansam e tem firme a mão esquerda, e a estriga pendente na dita taboa. Depois de assim preparado, guarda-se.

Comarca de Miranda.

Pouca é a terra boa para linhos. Os que se sequeam são gallego, mourisco, e algum canamo. Prepara-se bem a terra como para os mais fructos. O mourisco semea-se na sementeira dos trigos e centeios; o gallego, e canamo na primavera, e todos vem ao tempo da colheita.

Quando estão compridos se colhem, e postos com as cabeças da semente para cima, muito bem unido para que seque, e bem tapado para que os passaros não comam a semente. Depois de se lhe tirar esta, se levam os linhos para as ribeiras, e melhor para aguas estagnadas, onde se conservam seis dias, estando o tempo quente. Tirado da agua e secco o *malham*, *espadam*, *restrellam*, *fiam*, dão a teecer em teares levantados, e curam em peças de dez ou doze varas, que trazem por quinze dias, estendidas em prados, onde se branqueam com barrellas, que cada tres dias lhes dão até ficar bem branco.

Mesma Comarca.

O linho gallego não se dá em terras asperas, mas sim nas que andam bem adoçadas de estrumes. Semea-se na primavera por abril; e em terra regadia e bem desfeita, também em maio. Cobre-se levemente com o arado, torna-se a gradar, e rega-se duas, tres, ou mais vezes, se é preciso, conforme o tempo; mondam-se, se é necessario, e colhem-se em estando amarellos.

O linho mourisco semea-se no principio de outubro em terra forte e soalhosa, bem lavrada e esterçada: no inverno é muito conveniente lançar-lhe por cima alguma cinza para o livrar da geada. Na primavera monda-se, se o carece.

Em Freixo d'Espada á Cinta semea-se o canamo em maio.

Comarca de Miranda — Torre de Moncorvo — Villa Real — e Pinhel.

O linho que se cultiva nesta provincia é o gallego. Lavra-se a terra, a que chamam *decruar*, e deixa-se em descanso vinte até trinta dias: torna-se a lavrar atravessadamente, e dada uma grade deita-se o estrume, que de-

pois de espalhado se torna a lavrar: dá-se outra grade, deita-se a semente, torna-se a dar duas grades de dentes, e uma de costas, depois o *embelgam* e *engaçam*; passados vinte, ou trinta dias monda-se de toda a herva má. Rega-se de quatro em quatro dias, attendendo-se com tudo á qualidade da terra e do tempo.

Logo que o linho está maduro [o que se conhece por ter algumas das *baganhas* abertas e louras], arranca-se e tira-se a *baganha* com um instrumento proprio, a que se chama *rino*: fazem-se molhos, que se mettem no rio, ou em tanques, e aguas estagnadas, a que chamam *empoçar*. Passados oito dias estende-se ao sol para enxugar, e torna-se a metter na agua, donde passadas vinte e quatro horas se tiram amostras, até que pareça estar bom. Então tira-se da agua, põe-se em méda, a que chamam *amorca*, havendo cuidado de que fique muito acalcado, e se examina se está quente: se não está, deitam-lhe agua até aquecer; logo que aquece, tira-se, e estende-se até secar. Recolhe-se depois, *estriga-se*, *espada-se*, e *seda-se*.

O linho mourisco e canamo semea-se em outubro: a cultura é a mesma que fica dita. O linho *donzella* não se cultiva nesta provincia.

Comarca de Ourem.

A terra deve ser bem lavrada, unida, e estrumada com estrume muito consumido. Semea-se o linho tão unido, que em qualquer parte que se tocar na terra com uma vara molhada, levante umas poucas de sementes. Deve-se arrancar com as raizes mais limpas de terra que poder ser. Não se semea canamo, que necessita terra mais forte.

Ha tres qualidades de linho, gallego, mourisco, e massadiço. Depois de feito em pequenos feixes vai ao *ripador* para separar a *baganha*, o que deve ser de modo que não quebre a planta. Segue-se a curtimenta, em que consiste a perfeição do linho, e que deve ser em agua corrente. O gallego se curte em tres dias; o mourisco em oito; o outro não se sabe bem curtir: a folha cahe logo no primeiro ou segundo dia. O signal de estar bem curtido, é logo que = a medulla lenhosa de colmo ou cana se separa facilmente da casca em que está o linho, sem que este se quebre ou rompa, ou mostre estar principiado a corromper. = Seca-se depois ao sol ou em fornos, no menos tempo possivel, para que não tenha tempo de fermentar. Sêcos os feixes se maçam com machos de páu, e os golpes não devem ser tão fortes, ou sobre esquinas de fôrma que o cortem.

Maçado se torce á mão levemente, e passa para o *gramador*, que é um = banco com uma covia na tabua ao comprimento della, sobre que

se assenta uma hastea de madeira, que é o movel — por entre ella se passam as mãos cheias do linho maçado, para que esta volta que faz para passar por entre a cova e a hastea, lhe faça largar a aresta que já está quebrada.

Depois se *tasquinha*, sacudindo-o á mão com uma cutela de páu, seda-se em grosso, e depois em fino.

A perfeição destas manobras consiste em lhe sacudir bem a aresta sem quebrar o linho. A curtimenta é para fazer despegar a medulla da casca. A maça divide as fevras da cana, dando logar a sahir por entre ellas a medulla lenhosa, e quebrar esta em pequenos pedaços: a *grama* para lh'a fazer saltar fóra, e a *tasquinha* para sacudir as porções, que ficaram pegadas.

Comarca d'Elvas.

Cultiva-se mui pouco linho. Extrahe-se-lhe a baganha, ou semente molhada, depois curte-se em agua corrente, tira-se e depois se machuca, grama, e tasquinha.

Comarca de Portalegre.

Cultiva-se pouco linho, que é de tres qualidades; *canamo*, *abertiço*, e *serradiço*. Tira-se a baganha dando-lhe com uma maça. Curte-se melhor em agua corrente, onde está sete dias; depois de enxuto maça-se com a maça de páu com cautella para se não cortar; depois com um páu, que se chama grama, se deita fóra a cana do linho; põe-se o linho arumado em uma tabua, e com a tasquinha tira-se a aresta: e a final vai ao sedeiro ralo para tirar a estopa mais grossa.

Comarca de Villa Viçosa.

Semea-se pouco linho, que é de duas qualidades, gallego, que se semea em novembro; e serradiço, em março.

CULTURA DO LINHO CANAMO.

Em seguida ajuntamos as seguintes instrucções para a cultura do canamo que em junho de 1827 publicou no Brasil o Sr. Lisboa, no Jornal Auxiliador da Industria.

Na cultura do canamo se deve attender — 1.º á escolha das sementes — 2.º á natureza, e preparação do terreno — 3.º ao modo de semear — 4.º ao tratamento da planta — 5.º á colheita, ou arrancamento — 6.º ao curtimento — 7.º ao preparo depois de curtido, e secco.

1.º As sementes devem ser novas, e é indispensavel, que não passem de um anno, porque tem particular tendencia para a rancidez. Conhece-se a sua bondade quando tirada da casca a pequenina amendoa se acha doce ao paladar; se estiver rançosa será improductiva.

Ella tambem não nascerá, se for muito enterada, devendo apenas cobrir-se com uma muito ligeira camada de terra. Se depois da semeadura chover, promptamente nascerá; não chovendo é necessario rega-la; assim como defende-la das aves, que avidamente a procuram.

2.º A raiz do canamo é fusiforme; logo pela lei da vegetação deve descer perpendicularmente, e quanto mais profundar, tanto mais se elevará a sua hastea: donde se conclue, que elle requer terreno delgado, movediço, mas bastantemente substancial e humoso, que possa sustentar uma planta, que muito se eleva e em pouco tempo. O terreno, que não tiver naturalmente estas qualidades, póde ser preparado por meio de estrumes, e de lavras. Os estrumes devem ser curtidos, sem com tudo estarem reduzidos á qualidade de terra; será melhor que se espalhem sobre a terra antes do inverno, e que se enterrem immediatamente por meio de uma boa lavra. Por este methodo os estrumes se decomporão, e combinarão as suas partes oleosas com os saes contidos na terra, para formar substancias saponaceas, a tempo de poderem aproveitar á planta no curto espaço da sua vegetação.

3.º Quanto ao modo de semear, isso depende do fim, para que se destina o canamo. Se é para cordoaria, deve ser semeado raro, se para tecidos deve ser mais junto. No primeiro caso a hastea tem o dobro de altura, e grossura, a casca é mais grosseira, e os fios mais longos, no segundo a casca é mais fina, e as suas fibras brandas, setinosas, e faceis de branquear. A pezar disso tanto um, como outro são igualmente fortes.

4.º Apenas a planta estiver nascida, deverá limpar-se das más hervas, que muito vegetam em terra pingue, e esse trabalho se deverá continuar até que as hasteas do canamo se elevem muito acima das ditas hervas, depois do que, estas enfraquecem, e morrem. Chegando as hasteas a 3 ou 4 polegadas, se o canamo tiver sido semeado demasiadamente junto, deverá mudar-se. Ao que fôr destinado para cordame, dar-se-hão 8 ou 10 polegadas de intervallo entre os pés; para o outro bastarão 4.

5.º A colheita, ou arrancamento do canamo se faz por duas vezes: na segunda colhem-se as plantas masculinas, por serem as que mais cedo chegam ao estado de madureza, em que convem fazer-se a colheita: as plantas masculinas são as que não produzem semente alguma, tendo aliás produzido flôres, amadurecem primeiro do que as femininas, a quem ainda é necessario mais dilatada vida para nutrir, e aperfeiçoar as sementes.

6.º O curtimento se póde fazer — 1.º por meio da agua — 2.º a secco. 1.º A agua, em que se macerar o canamo, póde ser tanto a corrente, como a estagnada, e assim em um como em outro caso se mergulha o canamo, atado em feixes, de maneira que todo elle fique coberto pela agua, e ahi se demore tanto tempo, quanto seja necessario para que a maceração seja como fica dito. Não se póde marcar um tempo prefixo, em que os feixes do canamo devam estar n'agua; pois que isso depende de ser a agua corrente, ou estagnada, e sendo estagnada da sua maior, ou menor quantidade, mais ou menos limpida, mais ou menos profunda, mais ou menos quente, maior, ou menor porção de canamo, submettido á maceração. O que se póde asseverar é que a agua estagnada accelera mais a maceração, do que a corrente, assim como o maior calor, e a maior quantidade de canamo, e que á proporção que a agua estagnada fôr mais impura, e menos profunda, ella se fará com mais promptidão. 2.º O curtimento a secco faz-se pondo as plantas juntas a uma parede, ou tapume, estendendo-as na terra de modo que um pé não toque outro pé: os orvalhos, as chuvas, o sol curtem com o tempo o canamo assim disposto; mas é preciso volta-lo todos os dias, a fim de que os meteoros obrem successivamente em todas as suas partes. É pois indispensavel espreitar o periodo em que o curtimento esteja completo, para o que se farão experiencias, tirando algumas plantas da agua, e secando-as immediatamente no forno ou chaminé; e logo que, arqueando-se, a casca se despega facilmente do linho, ou vara interior da planta, é indicio de estar sufficientemente curtido.

7.º O canamo depois de curtido e secco, é maçado para o fim de se separar a casca da hastea, e esta separação é feita á mão. Á medida que o canamo se maça e limpa, fazem-se molhos, que se torcem, para que as suas fibras ou fios se não misturem e embaracem. Deve depois disso ser lavado em agua corrente e clara, tantas vezes quantas fôr preciso para que fique limpo de toda a parte glutinosa que a planta contém; e então estará apto para o mercado, ou para aquelle fim a que o quizerem applicar. — Rio de Janeiro 1.º de junho de 1827.

DA SEMANA SANTA.

VAMOS entrar na Semana (1) especialmente

(1) Semana deriva do latim *septem mane*, sete manhãs. E' de notar que as nações da Europa, excepto a nossa, apellidam os dias com os nomes dos planetas, ao uso gentilico; afora o sabbado e o domingo: só nós conformamos com o uso da igreja adoplado pelo papa S. Silvestre.

consagrada aos mysterios solemnes da Redempção: — sem duvidarmos da religiosidade dos nossos leitores, só temos por alvo no presente artigo dar aos menos eruditos algumas noticias, para que melhor comprehendam as ceremonias ecclesiasticas.

Sabido é que no Domingo de Palmas ou de Ramos celebra-se e venera-se a triumphal entrada de Jesu-Christo em Jerusalem, cuja narração podem os fieis recordar lançando os olhos aos Evangelhos, de S. Matheus cap. 21, S. Marcos cap. 11, S. Lucas cap. 19, S. João cap. 12. As turbas de povo o receberam e acompanharam com ramos frondentes, e acclamações de *hosanna ao filho de David*. Ouçamos o que nos diz a este respeito o sabio Diogo de Payva d'Andrade (2) no sermão 2.º de Sabbado de Ramos, prégado em 1572. — «... parece-me que o fundamento disto foi o costume que os judeus tinham de celebrar a festa dos tabernaculos, que era em memoria de como N. S. os guardou pelo deserto até os metter na terra da promissão: e como consta pelo Levitico todos aquelles sete dias trazia todo o povo ramos de arvores nas mãos em lembrança das choupanas, que seus pais fizeram no deserto em quanto nelle andaram: e segundo os rabinos dizem nos louvores, que cada dia os levitas cantavam a Deus durante a festa, por aquelle beneficio, respondia o povo aquellas palavras de David, — *Nah Hosannah* (3), *ó Senhor salva-nos*, pedindo-lhe que tivesse então o cuidado delles, que tivera de seus pais no deserto, donde veio o costume de chamarem áquelles ramos *hosanas* como em algumas partes que, dia de N. Sr.ª que chamais do Ó, fazem alguns entertalhos e ramos de seda lhes chamam *ós*, e ao que se dá dia de Reis lhe chamais *reis*, pelo nome da festa.» —

A benção das palmas, e a procissão que se lhe segue commemoram o triumpho de Christo; o hymno, *Gloria, laus et honor*, que nesta se canta, cerrada a porta da igreja, ficando da parte de dentro alguns cantores, attribue-se a Theodulpho, Abade Floriacense, na occasião que vamos referir. Diz-se que este prelado, que viveu no seculo 9.º, estava no carcere em Angers, como implicado na conjuração dos filhos de Luiz o Pio contra este imperador, seu pai; e que assim privado de acompanhar a Procissão de Ramos, que sahia, entoára o hymno, o qual tanto agradou ao monarcha que lhe concedeu perdão e liberdade. Alguns escriptores não acceitam similhante tradição, como póde ver-se na excellente obra do

(2) Vid. o retrato e biographia a pag. 14 do vol. 1.º da 1.ª serie.

(3) Psalmo 117 — vertidas por S. Jeronymo: *O Domine salvum me fac: ó Senhor, salvai-nos.*

Cardeal Lambertini [depois papa Bento XIV], que principalmente tomamos por guia. (4) Já no 4.º seculo se acha o rito deste dia: ha muito porem que se não fazem certas praticas da antiga disciplina: como o privilegio de que gozavam os cathecumenos, (5) ditos *competentes*, que por estarem instruidos na fé, pedindo e esperando o baptismo no dia Sabbado d'Alleluia, em que se conferia, podiam ficar na igreja depois do evangelho da missa para ouvir o symbolo ou Credo, sahindo só ao começar o canon (6), o que não era concedido aos outros cathecumenos. — Nesta Dominga se lavavam as testas aos rapazes, que tambem se baptizavam no sabbado santo, porque sendo excluido qualquer banho no tempo quaresmal, como em todos os dias de jejum, devia a testa estar limpa para receber os santos oleos.

Nos primeiros tempos da Igreja, erguiam-se os christãos alta noite para salmearem; costume então commum a toda a multidão dos fieis, e que só permanece agora nas comunidades e corporações ecclesiasticas. Por mui dignas rasões foram supprimidas essas vigílias nocturnas, ficando apenas a imagem dellas na quarta, quinta, e sexta santa, e por isso as matinas destes dias, que entram pela noite, são denominadas officio de trevas.

Prescindimos da enumeração das partes do divino officio, e do sentido mystico das ceremonias, porque as pessoas devotas tem esta materia tratada nas illustrações das horas do P.º Sarmiento, que andam pelas mãos de quem sabe ler. Vert, no tom. 4.º da sua *Explication sur les ceremonies &c.*, tratando das velas do candieiro triangular, que se apagam successivamente no fim dos psalmos, sustenta o seu principio de que as ceremonias sacras provieram de causas naturaes e que, seculos depois, se lhes ajuntaram, como piedosas meditações, as rasões symbolicas; que em consequencia nos officios divinos e missas se começaram a usar cirios ou velas para se poder ver, sendo celebrados pelo meio da noite, e que se apagavam á proporção que se avivava a luz da aurora e do dia, e finalmente que se manteve esta practica, extinguindo uma vela em o fim de cada psalmo, posto que se não vá entrar no dia, mas sim na noite. O bispo de Soissons, Lenglet, refutou esta opinião, fundando-se no c. 5.º da 22.ª sessão do Conc. Trid., que insinúa que foram adoptadas pela igreja as ceremonias, co-

mo são as benções, os lumes, o incenso, as vestes, por tradição apostolica, e para o effeito de imprimir na mente dos fieis a magestade do sublime sacrificio do altar, elevando-os por meio destes signaes de religião e piedade á contemplação do misterio que o mesmo occulta. — O mesmo Vert diz que se introduzira o incenso para expellir o mau cheiro dos subterraneos, onde nessas eras remotas se celebrava a missa: lê-se porem em S. Thomaz que fôra não só em reverencia ao Sacramento, como tambem por significar o effeito da graça. — Affirmam alguns que o rumor que em meio da obscuridão se faz, terminadas as Laudes, é significativo do terremoto, eclipse e geral perturbação na morte do Salvador: porem o orthodoxo escriptor (7) J. Grancolas, no Commentario Historico ao Breviario romano, diz: — Em nenhuma parte se acha o porque se faz o estrepito no fim das Trevas: tão sómente o ministro dava signal com as mãos batendo com o livro ou banco, para se retirarem: nos dias mais solemnes e de maior frequencia do povo costumava repetir as pancadas para aviso de todos. No Breviario romano apenas se manda fazer um pequeno estrepito. — Tambem interpretam mysticamente a conservação da ultima vela que se não apaga, e se esconde para logo depois apparecer: mas o citado auctor assevera que a rasão era para ter luz com que accender immediatamente a lampada que arde ante o Santissimo Sacramento. Esta causa não se dá entre nós, maiormente no officio da 5.ª feira: todavia é certo que o sentido mystico de alguns é um tanto injurioso para os apóstolos por lhes suppôr fé tibia ou vacillante. Sabe-se que ainda em tempo de Ruperto, como elle mesmo conta no livro 5.º de *divinis officiis*, se apagava a ultima vela, ferindo-se depois fogo para accender luz.

Nos dois primeiros seculos, somente os dois dias da sexta e do sabbado eram escolhidos para representar o luto da igreja pela morte de Christo, o qual consistia nas vigílias das duas noites, em que se faziam as orações ou officios publicos e no continuo jejum de 40 horas: depois destinou-se a tão pia recordação toda a semana. (Concluir-se-ha.)

AS PALMAS DE SAN-REMO, E O OBELISCO DE SIXTO 5.º

EM 1586, ainda jazia no sitio onde Pio 6.º fez construir a sacristia da basilica de S. Pedro um obelisco magnifico, transportado de Heliopolis no Egypto para Roma por ordem do

(7) Temos á vista a traducção latina, impressa em Veneza em 1784.

(4) Annotazioni del cardinale Prospero Lambertini, sopra le feste di N. S. e della beatissima Vergine. Bolonha 1740.

(5) Deriva de uma palavra grega, que significa instruir de viva voz.

(6) A parte da missa immediata ao prefacio chama-se canon, por conter a regra, que exactamente se deve guardar na Consagração.

imperador Caligula: Sixto 5.^o, príncipe de vastas e audazes concepções, resolveu naquelle 2.^o anno do seu pontificado trasladar o monolitho gigante (1) para a formosa praça, que dahi a 70 annos o Bernini cingiu com vistosa e soberba columnada. — O architecto Fontana, o mais habil mechanico do seu tempo, foi incumbido de tão ardua operação; dispoz portanto o machinismo do aparelho como homem que sabia que os olhos de toda a capital catholica estavam fitos nelle: o papa lhe recomendára que não deixásse de empregar tudo quanto fosse preciso para ser bem succedido: Fontana aproveitou a faculdade. Só o transporte, postoque a distancia não excedesse 150 passos, custou trinta e dois contos de réis. — A final, acabados os preparativos, annunciou-se ao som de trombetas pela cidade o dia que o engenheiro designára para assentar a agulha sobre o seu pedestal. Qualquer pessoa podia presenciar o acto, mas sob a condição do mais restricto silencio; circumstancia exigida por Fontana, a fim de que a sua voz, unica que alli mandava, fosse bem ouvida pelos operarios. Ora como Sixto 5.^o não fazia as cousas por metade, o bando que lançára declarava que a menor palavra, o minimo grito ou exclamação teria logo a pena de morte, fosse qual fosse a jerarchia ou condição do culpado. — Immenso era o concurso ao começar a manobra; a um lado da praça estava sobre um palanque o papa com a côrte; a outro o carasco e a forca; no meio Fontana e seus obreiros; esse espaço reservado era fechado por um cerco de soldados. Já a base do obelisco abarbava com o pedestal: os cabos que prendiam no vertice deviam, mediante engenhoso machinismo, fazer-lhe perder a postura horisontal e leva-lo á perpendicular: o comprimento dos cabos estava calculado para este effeito, de modo que apenas chegassem a atesar o obelisco devia ficar aprumado. — Deu-se principio á obra em meio de profundissimo silencio; o monolitho erguido a pouco e pouco obedecia como por magica á força attrahente que o punha em movimento: sómente a voz do architecto se ouyia. O obelisco continuava a subir; uma ou duas voltas mais dos cabrestantes, e ei-lo que repousava sobre a base. De repente Fontana conhece que o machinismo não gira: a medida dos cabos fôra exactamente tomada; mas estas cordas tinham sido estiradas pelo enorme peso da pedra, e achavam-se então mais compridas alguns palmos. Não havia forças humanas que podessem supprir a força que faltava: — era uma operação abortada, uma reputação

perdida. Assim que as cordas deixassem de puxar para si o obelisco, pesava este com dobrado peso sobre os cabos. Em vão Fontana instava, multiplicava ordens; corria a mão pela testa, sentia-se como doudo: e nesse momento estourou um dos cabos. — Eis que um homem brada do meio da turba: *agua ás cordas!*; e rompendo pelo povo e atravessando o espaço vai metter-se nas mãos do algoz. — O conselho é um raio de luz para Fontana; por toda a extensão dos cabos faz vasar baldes de agua: — contrahem-se as cordas naturalmente e sem esforço; e, como se alli andasse a mão de Deus, entra de novo o obelisco em movimento, e assenta na base em meio dos applausos da multidão. — Fontana corre para o seu salvador, e acha-o já de corda ao pescoço em poder do algoz; toma-o nos braços e o vai levar aos pés de Sixto 5.^o, implorando um perdão, já na mente do pontifice concedido. Mas não bastava dar perdão, pedia o caso recompensa: o papa diz ao estrangeiro que lhe assignale a que deseja; — e o estrangeiro declara ser da familia Bresca, que é rica, e que portanto não tem a pedir favores pecuniarios; porem que habitando elle o logar de San-Remo (2) celebre por suas palmeiras, requer o privilegio de mandar gratis, todos os annos, a Roma as palmas necessarias para as solemnidades da Semana-Santa. — Sixto facultou o privilegio, ajuntando-lhe uma larga pensão, que era [dizia elle] para o amanho e conservação das palmeiras. — Desde então [ha dois seculos e meio] a familia Bresca, que ainda existe, goza da honra de mandar annualmente a Roma um navio carregado de palmas.

Apologo arabe. — Uma gota d'agua das nuvens cahiu no mar, e vendo as ondas e o abismo, disse cheia de pejo — Que sou eu nesta immensidade? Hontem brilhava em as nuvens; hoje a folha secca que fluctua é mais do que eu. — Mas o rei dos céus, commovido de tão modesto queixume, deu-lhe toga de nobreza, e para habitação uma linda concha; transformou-a em perola preciosa, que veio a servir de remate á corôa de ouro d'um monarca. — Reparai bem, amigos, no sentido moral desta fabula. — Deus exalta os humildes.

DIZIA Franklin: — Em vez de repetir-se em todas as moedas o nome de Jorge 3.^o com os dos tres reinos, mais valêra por-lhe, como legenda, alguma sentença moral, v. gr. — Um real poupado é um real ganhado.

(1) Tem de altura 74 $\frac{8}{5}$ pés portug.; e a cruz que está em cima 25 $\frac{1}{2}$ pés.

(2) E' uma pequena e bonita povoação, no territorio maritimo a que chamam *ribeira de Genova*.